

O professor como inimigo: análise discursiva sobre disputas em torno da “ideologia de gênero” na escola

Marcela Rodrigues Santosⁱ

Ezequiel Martins Ferreiraⁱⁱ

RESUMO

Este texto busca compreender como os discursos em torno da “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. Para tanto, empreende-se uma análise de caráter discursivo, baseada nos pressupostos da teoria bakhtiniana, sobretudo acerca das noções de dialogismo e polêmica. De modo a sistematizar essa análise, utiliza-se a proposta metodológica de Costa-Hüber (2017), inspirada em Bakhtin, que visa compreender a disposição dos elementos verbais e extraverbais que constituem os textos-enunciados. O material empírico analisado é uma matéria publicada no Jornal Cidade Online, em fevereiro de 2022. A partir da discussão e análise, conclui-se que a figura do professor ocupa, no imaginário social, o lugar de potencial inimigo, que precisa estar sempre sob vigilância. Entende-se que tal construção corresponde a um discurso mais amplo sobre a valorização negativa do professor.

Palavras-chave: ideologia de gênero; discurso; professor; Bakhtin.

ABSTRACT

This text seeks to understand how the discourses around “gender ideology” build the figure of the teacher. To this end, an analysis of a discursive nature is undertaken, based on the presuppositions of Bakhtin’s theory, especially on the notions of dialogism and controversy. In order to systematize this analysis, Costa Hüber’s (2017) methodological proposal is used, inspired by Bakhtin, which aims to understand the disposition of the verbal and extraverbal elements that constitute the uttered texts. The empirical material analyzed is an article published in Jornal Cidade Online, in February 2022. From the discussion and analysis, it is concluded that the figure of the teacher occupies, in the social

ⁱ Mestranda em Educação (UEG). Possui Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Brasileira de Cultura e Educação (2018) e Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Faculdade Araguaia-GO (2012), licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2007) e graduação em Pedagogia, na modalidade de licenciatura plena pela Fundação Antares de Ensino Superior - FAESPE (2012). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6575-5058> | E-mail: proflpnt@gmail.com

ⁱⁱ Doutorando em Performances Culturais (UFG). Possui Bacharelado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016), Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). Atualmente é professor da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - Psicologia Clínica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5468-6579> | E-mail: empica@gmail.com

imaginary, the place of a potential enemy, who must always be under control. surveillance. It is understood that such construction corresponds to a broader discourse on the negative valuation of the teacher.

Keywords: gender ideology; discourse; teacher, Bakhtin.

INTRODUÇÃO

É possível perceber ao longo dos últimos anos um aumento progressivo do uso do termo “ideologia de gênero” nas discussões políticas no tocante aos campos religioso e educacional. No entanto, essas mesmas discussões aludem a uma concepção de “ideologia de gênero” que se faz discrepante dos próprios conceitos envolvidos na construção do termo, mascarando-se por uma representação dominante que atua em prol de impedir “o avanço de discussões relativas à educação sexual, à liberdade de expressão de identidade, assim como impedir o combate à intolerância quanto a LGBTfobia nos ambientes sociais, como a escola” (SANTOS; FERREIRA, 2022, p. 37).

Partindo dessa concepção em que a “ideologia de gênero” se propõe como um empecilho para a proliferação de discussões necessárias para o desenvolvimento humano saudável, essa pesquisa se pauta no questionamento quanto ao cerceamento do professor enquanto um articulador de questões básicas e primordiais na construção de educandos como cidadãos conscientes de seus direitos e deveres frente à sociedade no mundo contemporâneo.

Para tanto, delimita-se como objeto de estudo desta análise a construção do docente enquanto ator central na relação ensino-aprendizagem, já que é na figura do professor que se concentram vários anseios e projeções, por ele figurar como elo na relação entre alunos e conteúdos e entre escola e família. O objetivo geral do trabalho é, portanto, compreender como os discursos sobre “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. Como objetivos específicos se pode elencar: a) contextualizar a noção de “ideologia de gênero”; b) verificar os sentidos que constroem a figura do professor no discurso do material jornalístico analisado; e c) identificar a relação entre as estratégias discursivas utilizadas e a valoração moral em torno da figura do professor.

O referencial teórico-metodológico é construído com base nos pressupostos de Mikhail Bakhtin e nas contribuições para a filosofia da linguagem propostas pelo Círculo

de Bakhtin – termo como ficou consagrado o grupo de teóricos que se organizava em torno do teórico russo. Os conceitos de dialogismo e polêmica são os que, de forma precípua, orientam a análise do material empírico. Privilegia-se, de tal modo, o estudo da linguagem, considerando que é através dela que temos acesso às formas como os sujeitos concebem a si e ao outro e também como elaboram suas visões de mundo.

Segundo Bakhtin (2003), os textos devem ser o ponto de partida de uma pesquisa em Ciências Humanas, já que é na forma de texto que os pensamentos, sentidos e significados são apresentados ao pesquisador. Dessa forma, o objeto de análise será composto por uma matéria publicada em fevereiro de 2022 pelo Jornal Cidade Online, um veículo midiático vinculado a pautas conservadoras e de alinhamento direto ao espectro político mais reacionário e de extrema-direita. Essa matéria será descrita e interpretada a partir de conceitos oriundos da obra bakhtiniana, sobretudo a partir de uma sistematização proposta por Costa-Hüber (2017). Metodologicamente, portanto, segue-se uma análise de caráter discursivo.

A “ideologia de gênero” tem sido um tema de pesquisa de diferentes áreas de estudo, sobretudo nos últimos anos, o que possivelmente converge com os avanços de políticos de extrema-direita ocupando cargos executivos no Brasil e na América Latina de maneira geral. Estudos como os mencionados anteriormente e que são referenciados neste artigo integram um rol de pesquisas que se dedicam a entender como tem se constituído essa cruzada moral contra a “ideologia de gênero”. Salienta-se que uma análise de caráter discursivo pode ajudar a entender outros aspectos dessa cruzada, sobretudo quando a perspectiva considera a forma como os discursos são historicamente construídos e situados. Por isso, justifica-se também a pesquisa deste trabalho nessa vertente. Embora seja um artigo ainda exploratório e inicial, acredita-se que ele possa contribuir para pensar nas estratégias de construção desse discurso e, mais especificamente para o campo da educação, refletir sobre como a figura do professor acaba sendo central nessa cruzada, embora seja colocada em um lugar de intensa disputa e sob constante vigilância.

O artigo está estruturado em duas partes, para além destas considerações introdutórias e das considerações finais. Na sequência, apresentam-se alguns pressupostos teórico-metodológicos baseados na obra bakhtiniana, que ajudam a

interpretação dos dados. Logo segue a análise da matéria jornalística, enquanto um exercício de interpretação de um material no qual o professor está no centro da disputa.

ORIENTAÇÕES DA TEORIA BAKHTINIANA

Ao privilegiar o *ser falante* na elaboração de suas teorias, Bakhtin (2003) oferece um aparato conceitual para refletirmos a alteridade que constitui as relações sociais. De tal modo, uma análise que segue essa perspectiva toma como ponto de partida textos-enunciados de uma maneira mais ampla e complexa, “olhando para sujeito(s) que, em determinado momento sócio-histórico e ideológico, ancora(m) sua intenção enunciativa, validando, assim, o projeto de dizer” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 553). Nesse tipo de análise, não se considera apenas a manifestação verbal realizada pelo sujeito, mas também o contexto extraverbal de enunciação, que incide nos modos como o dizível é elaborado.

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (BAKHTIN, 2005, p. 203)

Isso significa prestar atenção no contexto que envolve o sujeito e o discurso por ele elaborado – isto é, considerar a importância do lugar, do momento histórico de produção discursiva dos interlocutores a quem o discurso é destinado, a intencionalidade e motivações, os interesses e valores em jogo (COSTA-HÜBES, 2017). Cereja (2010, p. 204) lembra que na perspectiva bakhtiniana, “palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas”.

Um conceito bakhtiniano que explica essas relações é o dialogismo. Para o Círculo de Bakhtin, interessava pensar a linguagem porque é através dela que o real se apresenta – de modo semiótico, ou seja, pela mediação da linguagem (FIORIN, 2016). Nessas relações, entende-se que todo enunciado é dialógico, possui essas propriedades, independentemente de sua dimensão. Fiorin (2016, p. 22) explica: “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações

de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” Para Bakhtin (2003, p. 400), “toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”.

Assim, revelam-se duas características da teoria bakhtiniana: a importância de considerar que os discursos são produzidos histórica e socialmente, a partir de contextos específicos, e que essa produção discursiva está também submetida a uma relação dialógica, que corresponde aos modos de elaboração e apropriação e a inscrição dos sujeitos na própria tessitura discursiva. Esses aspectos são interessantes para pensar o material a ser analisado e compreender a elaboração desse tema que é a “ideologia de gênero”. O tema é aqui utilizado também no sentido dado por essa teoria, para a qual o tema tem a ver com o processo de enunciação localizado, considerando tanto o processo de produção quanto de circulação e recepção (CEREJA, 2010).

Então, para entender a “ideologia de gênero” enquanto um tema é preciso considerar os elementos verbais e extraverbais de construção do discurso. Nesse sentido, importa pensar de modo mais amplo essa construção, entendendo que a significação está relacionada a uma dimensão social. Certamente, esse sistema de significação não é fixo, mas mutável e flexível e até mesmo renovável (CEREJA, 2010), a depender das relações estabelecidas nos processos de circulação discursiva.

Quando se observa e se analisa um discurso inscrito em alguma discussão pública polêmica, é necessário olhar com mais apuro para o modo como esse discurso se relaciona com outros discursos que o antecedem para compreender como certos significados se cristalizaram. “Como demonstra Bakhtin, precisamente os significados comuns, públicos, fixados pela tradição, são os que mais se prestam a permanecer implícitos, mediados, escondidos, remotos, secundários, inconscientes” (PONZIO, 2008, p. 98).

Bakhtin (2005) também trabalha a noção de polêmica, especialmente a ideia de polêmica velada. Para o autor, a polêmica velada se refere aos modos como o enunciador imprime um tom valorativo – mesmo que seja de modo não tão explícito – ao objeto de discurso. Constrói-se uma relação axiológica, em camadas, já que o objeto já vem investido de outros atributos axiológicos. Por isso, a polêmica constrói-se através de relação dialógica (FRANCELINO, 2021). E, como mostra a análise a seguir, há um caráter de polêmica na matéria analisada, sobretudo porque ela tergiversa sobre o necessário respeito a pessoas dissidentes, enquanto reforça através de determinadas estratégias discursivas a ideia de que o professor não pode tocar em assuntos que não

estejam estritamente no currículo – assuntos, claro, que correspondem a gênero e sexualidade.

Cabe ainda destacar que o pesquisador, enquanto sujeito histórico, analisa a realidade também desde o seu lugar social e, nesse sentido, as interpretações estão perpassadas por suas experiências, valores e ideologias (COSTA-HÜBER, 2017). Isso demanda uma vigilância epistemológica constante, não para assegurar uma falsa objetividade ou neutralidade, mas sim para que o próprio pesquisador entenda esse seu lugar e o modo como suas compreensões do objeto são atravessadas por sua subjetividade.

Enquanto metodologia, seguem-se as orientações da teoria bakhtiniana para a leitura do material empírico. Esse objeto, como já dito, corresponde a uma matéria jornalística publicada no Jornal Cidade Online em fevereiro de 2022.

Para sistematizar a análise realizada, recorre-se às orientações de Costa-Hüber (2017), que auxiliam a compreensão de um texto-enunciado a partir da teoria bakhtiniana. Como a autora destaca, Voloshinov/Bakhtin (2009) estabelece três categorias analíticas para a interpretação de um enunciado: a) horizonte espacial e temporal, que corresponde ao lugar e ao momento da enunciação; b) horizonte temático, relativo ao conteúdo, daquilo que se fala; e c) horizonte axiológico, que diz respeito à atitude valorativa que os participantes do discurso têm em relação ao objeto de discurso. Essas três categorias estão relacionadas ao contexto extraverbal, isto é, a uma dimensão social da produção discursiva.

Além dessas categorias, Costa-Hüber (2017) ainda chama a atenção para os elementos verbais que constituem o discurso. Bakhtin (2003) definiu três desses elementos que podem ser considerados para essa análise. O primeiro deles é o conteúdo temático, ou tema da enunciação, que corresponde ao objeto do discurso e ao modo como esse objeto é elaborado a partir dos condicionantes sociais. O segundo elemento é o estilo, que refere aos “recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (em enunciados verbais); ou cores, figuras, imagens, tamanho das letras etc. (em gêneros multimodais), selecionados pelo autor do texto-enunciado em função do que dizer, para quem, quando, onde, por que” (COSTA-HÜBER, 2017, p. 561). Por fim, há a construção composicional, que se relaciona com os elementos que organizam estruturalmente o enunciado e, portanto, refere-se principalmente ao gênero de discurso específico.

Essas categorias indicam uma orientação metodológica que auxilia a pensar o objeto em análise. Na seção seguinte, analisa-se uma matéria veiculada em um veículo jornalístico digital, a fim de compreender, a partir dessa peça, como o tema da “ideologia de gênero” é elaborado.

O QUE (NÃO) PODE UM PROFESSOR ENSINAR?

O material analisado neste texto é uma matéria publicada no dia 23 de fevereiro de 2022 pelo site Jornal da Cidade Online (JCO).ⁱ Reconhecido pela disseminação de informações enganosas ou distorcidas, como já demonstrado (DIAS; MACHADO, 2022), o JCO é um veículo que segue uma posição ideológica conservadora, cujas matérias e artigos de opinião comumente estão alinhados aos interesses de grupos políticos de extrema-direita. Entretanto, esse alinhamento ideológico não é anunciado na seção Institucional, parte dedicada a contar o histórico do veículo e a sua missão.ⁱⁱ Como *slogan*, o JCO apresenta a frase: “Um jornal consciente não abre mão do seu direito de crítica”. Há, portanto, uma demarcação de que o veículo possui um caráter opinativo.

A matéria mencionada traz como título “Professor é flagrado ‘ensinando’ ideologia de gênero em sala de aula (veja o vídeo)”. Um primeiro elemento que chama a atenção no enunciado são as aspas na palavra “ensinando”. Aspas são sinais gráficos que funcionam como destaque ou para demarcar uma citação no texto. Certamente, um professor ensina, é a função principal de seu ofício. Então, pode-se compreender que o uso das aspas, nesse caso, demarca uma ironia, afinal, o professor estaria falando sobre um tema que não deveria, algo interdito para o ambiente escolar e, portanto, não configura um “ensino”, nos termos do enunciador da manchete. Esse sentido é reforçado pelo termo “flagrado”, o que denota que o professor foi surpreendido fazendo algo (errado).

Além disso, é interessante perceber a utilização da expressão “(veja o vídeo)”, uma operação enunciativa que indica ao leitor a existência de uma materialidade que comprova o que o enunciado afirma. Materiais audiovisuais e fotográficos costumam ser âncoras importantes nas matérias jornalísticas, já que constituem um registro visual que materializa o que o texto descreve (DIAS; MACHADO, 2022). Ao inserir essa

informação na manchete, de modo imperativo, busca-se capturar a atenção do leitor, indicando a existência do vídeo flagrante.

O título da matéria demonstra uma característica apontada pela teoria bakhtiniana acerca da heterogeneidade dos enunciados. Todo enunciado revela duas posições: “a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2016, p. 26). Percebe-se, assim, como o enunciado é elaborado a partir de uma ideia concebida e compartilhada do que é um professor, de qual a sua função, do conteúdo que deve ou não ser ensinado e do espaço da sala de aula sendo (in)apropriado para determinada função.

O texto inicia com a citação de um *tweet* postado por Bia Kicis, deputada federal pelo Distrito Federal. O *tweet* havia sido publicado dois dias antes da matéria ser veiculada. Ele diz: “Há muito que a escola deixou de ser um lugar seguro para nossos filhos. Olha que LIXO de aula. Por isso o Homeschooling (ensino domiciliar) e o movimento #EscolaSemPartido são tão combatidos pela esquerda”. O *tweet* ainda tinha um vídeo agregado, filmado por algum aluno durante a aula em que um professor explicava as distinções entre transgeneridade e cisgeneridade.

O texto do *tweet* projeta uma relação entre passado e presente ao indicar que a escola, antes um lugar seguro para os estudantes, já não o é. A categoria temporal é aqui importante, principalmente porque o sujeito do discurso fala desde um lugar no qual é possível observar uma transformação, que é valorada como negativa. Ou seja, a escola é um lugar perigoso – “para nossos filhos”, demarca o enunciator, em uma estratégia que inclusive aproxima o interlocutor ao indicar que os seus filhos estão em perigo.

Na sequência, uma sentença imperativa (“olha”) que chama a atenção para o vídeo agregado, classificando a aula gravada como um “LIXO” – palavra grafada em letras maiúsculas, sinalização que tanto destaca quanto potencializa os sentidos que orbitam em torno desse termo. Antes de ver o vídeo, o interlocutor já recebe a informação de que não verá algo agradável, porquanto a palavra “lixo” qualifica o material como uma coisa que não presta.

Logo, indicam-se termos em oposição: de um lado, o ensino domiciliar e o movimento Escola Sem Partido; de outro, a esquerda. Se todo o discurso se constrói em um campo de embates e é indissociável da história e das lutas sociais (CEREJA, 2010), é importante pensar de que modo essas palavras se relacionam entre si e evocam sentidos que circulam nesse campo de disputas discursivas.

O Escola Sem Partido é um movimento que tem como objetivo combater o que seus integrantes entendem como uma doutrinação que estaria ocorrendo nas escolas e universidades brasileiras – doutrinação esta que concerne, ainda segundo o movimento, com o ensino do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero”. O ensino domiciliar acaba surgindo enquanto pauta de debate no âmbito político justamente por configurar uma possível solução para que as crianças e jovens não sejam doutrinados: isto é, transferir o local de ensino para a casa e relegar a função aos pais ou conceder a estes maior domínio sobre a situação do ensino e da aprendizagem.

O ensino domiciliar é uma pauta defendida por políticos conservadores, o que fica evidente quando o enunciado diz que “a esquerda” combate tal pauta. Nesse sentido, atrela-se o que é chamado de “ideologia de gênero” à esquerda – termo este relativamente amplo e que serve, no material analisado, para definir o “outro”, tudo aquilo que é diferente do “eu” enunciador. Lembremos de que na concepção bakhtiniana o eu se constitui a partir do(s) outro(s), tanto de modo positivo quanto negativo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020). No caso em tela, assinala-se um outro (“a esquerda”) que é tudo aquilo que se afasta do enunciador, convergindo aí em um campo axiológico de repulsa.

Após reproduzir o texto do *tweet* e inserir uma imagem de captura de tela do *tweet*, inicia-se o texto da matéria – composto por seis parágrafos curtos. O primeiro parágrafo introduz que um vídeo gravado por um estudante em sala de aula chamou a atenção, porque o “professor” (no texto, grafado entre aspas, novamente como estratégia de ironia) ensina gênero. O segundo parágrafo apresenta o elemento contraditório: “Porém, não exatamente sobre os gêneros masculino e feminino, ou seja *o biológico, como determina a ciência*, mas sobre a ideologia de gênero (também chamado de identidade de gênero)” (grifo nosso).

Na teoria bakhtiniana, a polêmica é construída dialogicamente, isto é, a partir do contato conflitivo entre discursos controversos e que evocam um conjunto de textos que constituem o embate (FRANCELINO, 2021). No trecho destacado, o enunciador assinala que, a princípio, não haveria problemas de ensinar gênero, desde que seja “o biológico”. Como forma de corroborar que tal perspectiva é a correta, segue a explicação “como determina a ciência”. Ou seja, ancora-se o argumento em uma autoridade científica, embora a concepção de gênero na contemporaneidade não atenda exclusivamente às determinações do sexo biológico.

O enunciado contrapõe “ciência”, que deveria ser ensinada, e “ideologia de gênero”, o que se julga que o professor estava ensinando. Embora o termo “ideologia” seja vasto e possa referir diferentes concepções, a depender de seus usos e apropriações, na noção “ideologia de gênero” esse termo remete diretamente à ideia de uma doutrinação, já que ideologia, nesse sentido, refere um conjunto de ideias cuja adesão é forçada. De tal modo, qualquer tema que concerne a gênero e sexualidade entraria no escopo dessa propalada “ideologia de gênero”. Vale notar que há ainda uma confusão que equipara “ideologia de gênero” com “identidade de gênero”.

O texto da matéria prossegue:

Na aula, ele explica o que são homens e mulheres trans, cisgenero, heterossexuais, homossexuais *e etc*, o que *deve ser respeitado, mas que não consta em currículo escolar*. Assim, muitas vezes, os pais estão mandando seus filhos para a escola, mas *não sabem exatamente* o que eles estão recebendo do lado de dentro, além de matemática, língua portuguesa, ciências, geografia, história e outras *matérias importantes* para o estudante. (grifos nossos)

As informações sobre do que se trata a aula do professor são lançadas sem uma necessária explicação, apenas sugeridas por palavras que remetem a gênero e sexualidade. O uso do termo “etc.”, aliás, indica que não há preocupação em explicar esses termos, mesmo que esse seja o papel de um veículo de comunicação. O enunciado assinala que “homens e mulheres trans, cisgenero, heterossexuais, homossexuais e etc” devem ser respeitados, mas que tais conteúdos não constam no currículo. Logo, não deveriam ser ensinados. A conjunção adversativa “mas” funciona de modo a renegar o que foi dito anteriormente, já que o enunciado se orienta pela norma representada pelo currículo. Qualquer desvio, nesse sentido, é rechaçado.

É por isso que algumas disciplinas são elencadas como sendo as “matérias importantes” para os estudantes, como se discussões de gênero e sexualidade não pudessem ser debatidas em sala de aula em qualquer uma dessas matérias. Nesse parágrafo é inserido um elemento do pânico moral que ronda as discussões sobre a “ideologia de gênero” (MISKOLCI, 2018), quando se menciona que os pais mandam os filhos para a escola sem saber o que nela é exatamente ensinado.

O texto finaliza assim:

Nas imagens não se sabe quem é o professor ou em qual escola ou cidade a aula foi gravada, *mas é claro que os alunos ainda são bem jovens e, muito*

provavelmente, sequer estão no ensino médio. Não se trata de preconceito, mas de tratar alguns temas com as pessoas certas, no momento certo e, principalmente, no lugar correto, sob risco de transformar um local desenvolvido para ensinar em um espaço de doutrinação. (grifos nossos)

A identificação do professor é desconhecida, embora ela tenha tido sua imagem exposta nas redes digitais a partir de uma gravação provavelmente realizada sem a sua permissão. Não se identifica nem a escola, nem a cidade onde ocorrera a situação, mas o texto enuncia que os alunos são jovens, presumindo que tenham menos de 15 anos, já que não estariam sequer cursando o ensino médio. Esse trecho é importante porque assinala quem é a possível “vítima”: a criança sob ameaça, da qual Balieiro (2018) já falava em seu texto. A ameaça toma forma na figura do professor, construído então como um inimigo por ensinar algo que não deveria.

Como Dias e Machado (2022) afirmam, não é a ameaça que cria o pânico em torno da “ideologia de gênero”, mas o contrário: é o pânico e o medo que criam essa ameaça, esse inimigo. A matéria jornalística é exemplar nesse sentido, já que constitui parte da construção desse medo, que ajuda a criar o inimigo. No campo axiológico, novamente retomando Bakhtin, há uma valoração negativa desse inimigo, que representa tudo que é necessário rejeitar. Na lógica dos combatentes da “ideologia de gênero”, são esses valores agregados à figura do professor desviante à norma que autorizam a sua exposição pública e perseguição.

O final da matéria mais uma vez reforça que “não se trata de preconceito”, estratégia discursiva que tenta afastar a discussão do campo dos direitos humanos. O texto insiste que a questão está no “lugar” e no “momento” em que tais discussões são levantadas – afinal, a escola não seria esse lugar e tampouco os estudantes jovens estariam no momento de aprender isso. Um sentido que atravessa o texto, portanto, é o da necessidade de proteção dessas crianças/jovens de professores doutrinadores.

Constrói-se, assim, uma polêmica. Nos termos da teoria bakhtiniana, a polêmica corresponde aos modos como o enunciador

[...] imprime um tom valorativo a um determinado objeto de discurso que já se encontra valorado por outra instância axiológica, um outro julgamento de valor acerca daquilo que se enuncia, revestido de outros acentos apreciativos. Há, nesse caso, um discurso em que se ouvem duas vozes, com matizes entonacionais valorativos diferentes. (FRANCELINO, 2021, p. 207)

Um último aspecto curioso é que o texto não é assinado. O autor, portanto, fica atrelado à imagem do JCO. No entanto, seguindo Bakhtin, compreende-se que um discurso é sempre povoado de vozes, remetendo de maneira dialógica a textos anteriores e demarcando diferentes posições enunciativas. Esse embate que constitui a polêmica anunciada se revela na relação entre aqueles que combatem a “ideologia de gênero” e a “esquerda”, da qual faz parte, por associação, o professor que ensina gênero e sexualidade em sua aula.

A fim de sistematizar a análise aqui empreendida e também compreender melhor a maneira como se estrutura o discurso analisado na matéria jornalística, recorre-se à proposta metodológica de Costa-Hüber (2017), já mencionada, que se apropria das teorias bakhtinianas. Nesse sentido, o quadro abaixo apresenta como é possível fazer uma leitura das dimensões verbal e extraverbal da matéria analisada.

Quadro 1 – Elementos de constituição do texto-enunciado em análise

Dimensão extraverbal	
Horizonte espacial e temporal	O texto foi produzido em fevereiro de 2022, no Brasil, e publicado pelo Jornal Cidade Online na internet. Portanto, sua circulação se deu nos ambientes digitais. Não há autoria identificada, mas cabe salientar que a matéria jornalística é baseada em uma postagem publicada na plataforma Twitter pela deputada federal Bia Kicis. Inscreve-se ainda um outro discurso, que é o vídeo gravado por um aluno, produzido no contexto de sala de aula, sem autoria definida, tampouco tempo e local.
Horizonte temático	A matéria trata da “ideologia de gênero” no contexto escolar. Parte de uma situação empírica: a gravação de um trecho de uma aula em que um professor ensina sobre identidade de gênero e orientação sexual. A finalidade do texto é informativa, visto que se trata de um veículo de informação, embora o texto se configure como uma peça cujo objetivo é alertar os pais de que os filhos podem ser alvos de doutrinação.

<p>Horizonte axiológico / interlocutores</p>	<p>Não há identificação do autor da matéria, portanto a autoria cabe à redação do jornal. Considera-se que o jornalismo detém legitimidade para tratar de temas públicos de debate. O jornal, cujo posicionamento político se situa no espectro político de direita, produz o texto enunciado para um leitor imaginado e que corresponde ao público conservador. Esse texto específico propõe como interlocutor os pais e mães, mencionando em alguns momentos esse direcionamento. A atitude valorativa central dos participantes é compartilhar a ideia de que a escola é um lugar potencialmente perigoso e que os professores podem atuar como inimigos.</p>
<p>Dimensão verbal</p>	
<p>Conteúdo temático</p>	<p>A “ideologia de gênero” é o conteúdo temático do texto. O autor se coloca contrário à ideia de que temas ligados a gênero e sexualidade devam ser debatidos/ensinados em sala de aula. É possível identificar um conteúdo de caráter conservador e reacionário, que parte de uma situação empírica específica (o vídeo de um professor falando sobre gênero em aula na escola) para defender que essa “ideologia” estaria se espalhando enquanto ameaça aos estudantes, submetidos à doutrinação. Não há abertura diante à alteridade, já que o texto mostra um fechamento a temáticas que, ao fim, dizem respeito a direitos de determinadas populações.</p>
<p>Construção composicional</p>	<p>O texto está escrito no gênero notícia, embora seja notável que a redação tem um caráter mais opinativo. Como a notícia é escrita de modo mais objetivo, percebe-se o quanto o texto se utiliza de uma linguagem jornalística para construir um texto de defesa a uma ideia.</p>
<p>Estilo</p>	<p>O estilo emula uma matéria jornalística escrita no presente como tempo verbal, embora utilize construções opinativas. É notável a utilização da conjunção adversativa “mas”, por costume empregada quando se</p>

	indica um pensamento contrário a algum direito, o que mostra a contradição entre dizer que respeita e ao mesmo tempo rejeitar a diferença.
--	--

Fonte: elaborado pela autora com base em Costa-Hüber (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era compreender como os discursos sobre “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. A ideia partiu das inúmeras problematizações das famílias sobre o que pode o professor discutir ou não em sala de aula, enquanto coordenadora pedagógica, receber essas reclamações se tornou cada vez mais comum. Dessa forma, é possível perceber que as disputas em torno da “ideologia de gênero” se dão de modo acentuado no campo da Educação. Logo, julgou-se necessário investigar a forma como esse discurso construía semiótica e linguisticamente o docente, que é o elo entre os alunos e os conteúdos e também entre a escola e as famílias.

Buscou-se, assim, fazer uma contextualização sobre a noção de “ideologia de gênero”. Percebeu-se como essas disputas, embora de caráter transnacional, têm se acentuado no Brasil, principalmente na última década, em decorrência de um conjunto de fatores e articulações que configuram uma cruzada moral. O termo, é preciso pontuar, é utilizado de modo pejorativo por pessoas e grupos que classificam os estudos e políticas de gênero e sexualidade como uma ideologia – esta palavra é utilizada muito atrelada à ideia de doutrinação. A escola, nessa perspectiva, seria um lugar propício para essa doutrinação e, logo, precisa estar sob constante vigilância.

A doutrinação da “ideologia de gênero” se daria através dos professores e, por isso, seria preciso cuidar e criar mecanismos para coagir essas situações. É o que demonstra o material analisado. Essa coação ocorre em diferentes níveis – a própria matéria baseia-se no *tweet* de uma deputada federal, o que mostra o modo como essa discussão perpassa diferentes espaços e constitui uma disputa política e moral central na configuração atual do país.

A sistematização analítica a partir das teorias de Bakhtin ajudam a refletir sobre como esses discursos em torno da “ideologia de gênero” convergem em outros discursos em circulação e cristalizados historicamente, que tem a ver com a base patriarcal,

machista e homotransfóbica que constitui as relações sociais no Brasil. A resposta dada aqui é ainda inicial, já que este artigo configura uma pesquisa exploratória. Diante de tal limitação, indica-se que para o desenvolvimento da pesquisa seria necessário analisar um conjunto maior de materiais que pudessem mostrar como esse discurso tem sido construído sobre a figura do professor, bem como esse discurso contra os docentes acerca da doutrinação também converge com outros discursos que colocam o professor como uma figura não apenas inimiga como também não-trabalhadora. Esses discursos têm circulado com maior força nos últimos anos e caberia, como proposta de desenvolvimento de pesquisa, pensar nessas relações entre os textos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BALIEIRO, Fernando Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 201-220.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em Ciências Humanas sob um viés bakhtiniano. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

DIAS, Marlon Santa Maria; MACHADO, Alisson. “Queimem a bruxa”: operações midiáticas na cruzada moral contra a ideologia de gênero no Brasil. *E-compós*, Brasília, v. 25, jan./dez. 2022, p. 1-20.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 21-65.

FRANCELINO, Pedro Farias. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 200-220, abr./jun. 2021.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018.

PONZIO, Augusto. Signo e sentido em Bakhtin. In: PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 89-100.

SANTOS, Marcela; FERREIRA, Ezequiel. Afinal, o que é ideologia de gênero? In FERREIRA, Ezequiel (org.). *Gênero e sexualidade: lugares, história e condições* 3. Ponta Grossa - PR: Editora Atena, 2022, p. 36-41.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Corpo, palavra, sujeitos: quando a constituição do eu pelo outro é cruel. In: CRISTÓVÃO, Assunção; BUBNOVA, Tatiana; RICHARTZ, Terezinha (org.). *Corpo, tempo e espaço*. Franca: Unifran, 2020, p. 15-35.

VOLOCHINOV, Valentin/BAKHTIN; Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

Recebido em: 06/09/2022

Aceito em: 21/10/2022

ⁱ Disponível em: <https://bit.ly/3OCxzoA>. Acesso em: 21 jun. 2022.

ⁱⁱ O Jornal da Cidade foi criado em 1978 e circulou por duas décadas como semanário em Campo Grande (MS). Em 2007, retornou às atividades no formato eletrônico e tem hoje a sua sede no Rio Grande do Sul. Informações disponíveis em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/paginas/institucional>. Acesso em: 21 jun. 2022.